

O 1º Cursilho de Portugal em Fátima

(do livro “Os Cursilhos de Cristandade em Portugal – Retalhos da sua história” José Froes)



CURSO DE CRISTANDADE Nº1 Fátima - 30 de Novembro a 3 de Dezembro 1960

Direcção Espiritual: D. Victoriano Arizti; Pe. António Ribeiro; Pe. João Gonçalves

Equipa: Alejandro Arrans; Raul Isaias Romero; Juan Apodaca; Victoriano Narañano; Joaquim Pires; Américo Simões Miguel

Participantes: Con. Manuel Franklin Costa; Pe. Aleixo Cordeiro; Pe. João Brito Atanásio; Pe. Mário Gomes Loureiro; Pe. Francisco Santana; Pe. Manuel Ferreira da Silva; Vladimiro Nascimento Carvalho; José de Almeida Figueiredo; António dos Santos Carril; Ramiro da Cruz Júnior; Vítor Manuel Gonçalves Pimenta; João Henriques; José Simão; Fernando Santos Coelho; José António da Costa Pinto; César Joaquim da Silva Fonseca; José Policarpo de Carvalho; Luís Delgado; Eugénio Pinto

Em finais de 1959 deslocam-se a Vitória (Espanha) dois Sacerdotes, o Padre João Gonçalves então coadjutor da Paróquia de Alcântara (Lisboa) e o Padre Irineu Clemente, Pároco de Alvalade (Alentejo), para participarem em exercícios espirituais próprios para Sacerdotes.

No decorrer do retiro tomam conhecimento da existência de um novo Movimento de Igreja, chamado Cursilhos de Cristandade, que já estava implantado com grande sucesso na Diocese de Vitória.

Precisamente por essa altura realizava-se o 19º Cursilho de Vitória, e dão o interesse manifestado por aqueles dois Sacerdotes em nele participarem, esse desejo é apresentado ao Director Espiritual do Movimento em Vitória, de seu nome D. José Maria Cirardi.

Este sacerdote, que viria a ser, num futuro próximo, sagrado Bispo, era também o Director Espiritual do referido 19º Cursilho, e nada havendo em contrário autoriza a participação nesse Cursilho dos dois Sacerdotes portugueses.

Saem ambos entusiasmados do Cursilho e os seus emocionados testemunhos no Encerramento são a expressão dos seus desejos e da sua determinação em que os Cursilhos cheguem rapidamente a Portugal.

Tal como me conta o Padre D. Vitoriano Arizti, que sucede a D. José Maria Cirardi na Directoria dos Cursilhos quando este se afasta, e a quem o M.C.C. em Portugal muito deve, o Padre João Gonçalves é com as lágrimas nos olhos que dá o seu testemunho.

Quanto ao Padre Irineu Clemente o seu testemunho, tal como ele próprio medisse pessoalmente, é proferido numa linguagem, também emocionada, mista de português e espanhol, tendo as palavras que proferiu, sido as seguintes: “Hoy comenzaron los Cursillos en Portugal”.

Findo o 19º Cursilho, e porque os dois Sacerdotes ainda se mantêm por algum tempo em Vitória, eles passam a participar nas actividades do Pós-Cursilho como Ultreias e não só.

Durante este período de tempo é posta ao Secretariado de Vitória a possibilidade da sua ajuda para o lançamento do Movimento em Portugal, e a resposta não só é afirmativa, mas também passa a ser fonte de uma onda de entusiasmo e toda a comunidade Cursista daquela Diocese.

Essa possibilidade é assumida como uma acção apostólica colectiva e deste modo, quer a Escola de Responsáveis, quer as Ultreias, com presenças a rondarem os 500 a 600 Cursistas, quer as Reuniões de Grupo, todos iniciam uma fortíssima acção de Intendência, que passa a constituir a base segura do êxito do objectivo que se pretende alcançar.

Curiosamente, essa Intendência iniciara-se uns meses antes, quando um grupo de Cursistas de Vitória está presente no Encerramento do 25º Cursilho de Ciudad Real.

Nesse Cursilho está presente um Sacerdote português, o Padre Jesuíta Fernando Leite, ao qual já me referi no capítulo anterior, que no seu testemunho faz a aproximação da mensagem de Fátima com a espiritualidade Cursista.

Aquele pequeno grupo compromete-se a passar a fazer Intendência para que os Cursilhos cheguem a Portugal.

De regresso a Portugal o Padre João Gonçalves trás consigo o livro que contem a carta pastoral, da autoria de D. Juan Hervás, intitulada “Los Cursillos de Cristiandad, Instrumento de Renovacion Cristiana”, que durante muitos anos constituiu a linha orientadora da ortodoxia do M.C.C.

Na companhia do Padre Dâmaso Lambers, que ao tempo tinha como missão acompanhar a imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima na sua passagem por diversas Paróquias do Patriarcado de Lisboa, lêem e estudam com entusiasmo o conteúdo daquele livro, e pedem para serem recebidos pelo então Patriarca, o Cardeal Manuel Gonçalves Cerejeira, a quem expõem os seus desejos e objectivos, e de quem recebem uma resposta positiva.

A existência do M.C.C. não era desconhecida do Cardeal Cerejeira, que dele tivera conhecimento durante uma visita de uns dias para descansar junto do seu amigo Cardeal Arcebispo de Tarragona, D. Arriba y Castro.

Este último prelado dissera-lhe que este Movimento era de loucos, já que os homens saíam dos Cursilhos loucos por Jesus Cristo.

Na sequência da visita em que o Cardeal Cerejeira recebera os dois atrás mencionados Sacerdotes, ele remete-os para o Bispo de Tiava D. José Pedro da Silva, que ao tempo era o responsável pela Acção Católica na Diocese.

É então decidido enviar a Vitória um pequeno grupo, constituído por dois Sacerdotes e dois leigos, estes dois últimos militantes da Acção Católica, para participarem num Cursilho e darem a sua opinião, que seria ou não coincidente com a do Padre João Gonçalves.

A escolha dos constituintes desse grupo recaiu sobre o Padre António Ribeiro, mais tarde Patriarca de Lisboa, o Cónego António Infante, o António Simões Miguel e o Joaquim Pires.

Feito o contacto com o Padre D. Vitoriano Arizti, é aceite a participação do pequeno grupo no 23º de Cursilho de Vitória, que se realizou em Março de 1960.

A reacção dos membros deste pequeno grupo não é idêntica. Enquanto os dois leigos e o Padre António Ribeiro regressam entusiasmados, o Cónego António Infante vem com uma opinião negativa como aliás ele próprio me confessou em Dezembro passado, quando e para o efeito com ele falei pessoalmente.

Apesar desta opinião negativa o projecto não é posto de lado, antes pelo contrário é decidido levá-lo por diante.

Apesar dos bons propósitos o tempo vai passando, e o Padre João Gonçalves, sensibilizado pelo que vivera em Vitória, inicia uma campanha de Intendências pedindo orações a muitos paroquianos de Alcântara, e entre estes ao meu pai, de quem era muito amigo, o qual só depois do Movimento ter entrado em Lisboa, e de ter participado no 5º Cursilho de Lisboa, se inteirou das razões das orações que lhe tinham sido pedidas.

Entre as várias pessoas a quem o Padre João Gonçalves pediu Intendência, é de referir um pobre doente que vivia numa barraca no Vale de Alcântara, e que, com uma fractura na coluna vertebral, sofria dores atrozes. Este homem ofereceu a vida pelos Cursilhos, e Deus tê-lo-á ouvido já que faleceu na madrugada do dia em que o Cardeal Cerejeira autorizou que os Cursilhos se iniciassem na sua Diocese.

No verão de 1960 o Padre João Gonçalves decide terminar as suas férias em Fátima e, como era seu desejo que o primeiro Cursilho de Portugal se realizasse neste local, procura junto do Secretariado do Santuário quais os fins de semana em que as casas onde se realizam retiros estavam disponíveis até ao final do ano.

Apenas um fim de semana estava disponível, e surpreendentemente nos últimos dias de Novembro e princípio de Dezembro, isto é, precisamente um ano após o Cursilho 19º de Vitória, no qual ele havia participado.

De imediato manda reservar essa data, que posteriormente será confirmada.

Dirige-se então à casa das Irmãs Carmelitas a quem pede orações, pedido que é aceite, e de seguida rumo à Capelinha das Aparições pedindo a intervenção de Nossa Senhora para que os seus desejos se concretizem.

Curiosamente encontra junto da capelinha alguns Cursistas de Vitória que tinham estado no Encerramento do 19º, transmite-lhes a notícia e a possibilidade de se realizar o Cursilho naquelas datas, o que é celebrado com grande alegria.

Escreve de imediato uma carta ao Padre D. Vitoriano Arizti pedindo-lhe que lhe confirme ser-lhe possível vir uma equipa de Vitória até Fátima naquelas datas, condição necessária para poder confirmar a reserva junto da casa de retiros.

Conforme o próprio Padre D. Vitoriano Arizti me relatou, logo que recebe a carta fala ao telefone com o Padre João Gonçalves, dá o seu acordo à realização do Cursilho naquelas datas, mas estranha o facto de ele se realizar em Fátima, local que desconhece, confessando até que o fenómeno de Fátima não tinha para ele grande significado.

O Padre D. Vitoriano Arizti lembra então ao Padre João Gonçalves que é necessário dividir tarefas, e que sendo assim competirá a Vitória preparar e enviar a equipa, promover Intendência e fazer deslocar a Fátima um grupo de Cursistas que estejam presentes no Encerramento. A Lisboa competirá tratar do local e assegurar a presença dos participantes.

O Padre João Gonçalves diz-lhe que já tem vários Sacerdotes e leigos interessados, e que “matéria prima” não irá faltar, o que infelizmente não veio a acontecer.

A primeira reunião preparatória do Cursilho é feita então no dia 7 de Outubro de 1960, numa dependência da Igreja de Alcântara, na qual é colocada uma lápide em cerâmica policromada da autoria de Carlos Viseu, onde se podem ler as seguintes palavras: “ em 7 de Outubro de 1960 principiou nesta sala a Grande Aventura dos Cursilhos de Cristandade em Portugal”.

Logo que a Comunidade Cursista de Vitória toma conhecimento da realização do Cursilho, o seu entusiasmo aumenta e com ele a Intendência.

Entretanto, uma equipa de quatro leigos, juntamente com o Padre D. Vitoriano Arizti, inicia a sua preparação, com um cuidado e uma minuciosidade e um empenho invulgaes, tal como se tratasse do primeiro Cursilho onde iam participar.

Resolvem, ainda em Vitoria, lançar uma campanha de pedido especiais de Intendência a todas as Dioceses espanholas onde havia Cursilhos, e a resposta é impressionante.

As pequenas folhas de Intendência chegam a Vitória aos milhares, de tal forma que para as trazer para Portugal tiveram de as colocar numa caixa cujo peso excedia os oito quilos.

Finda a preparação, a equipa decide chegar a Portugal uns dias mais cedo do que o 28 de Novembro, a fim de ajudar a resolver eventuais problemas que pudessem surgir e fazer um oportuno reconhecimento do local onde iam actuar.

Dirigem-se primeiramente a Lisboa, onde chegam a 25 de Novembro, e são alojados numa residência de Sacerdotes que existia na rua da Junqueira, perto de Santo Amaro.

À sua chegada são surpreendidos com uma muito má notícia, já que tendo havido várias desistências entre os possíveis participantes no Cursilho, o número de leigos que se afirmavam disponíveis era de cinco ou seis.

Iniciaram-se então visitas a várias Paróquias com o intuito de se encontrarem candidatos, concretamente as de Alcântara, Ajuda, Penha de França e São Paulo, esta ultima em substituição da de Benfica que se mostrara indisponível para o convite que lhe havia sido feito, paróquias que haviam sido designadas pelo Senhor Bispo de Tiava.

Apesar de não incluída nessa lista, a equipa de Vitoria visita também a paróquia de Belém, cujo Pároco era na altura o Padre Felicidade Alves, o qual, e segundo me contou o Padre D. Vitoriano Arizti, os recebeu com sobrançeria e até algum desprezo, dando a entender que a única coisa que os espanhóis sabem fazer bem é tourear.

Contou-me ainda o Padre D. Vitoriano Arizti que, na sua ânsia de encontrarem candidatos, até se deslocaram ao Consulado de Espanha na Av. da Liberdade, onde lhes foi sugerido que aceitassem cidadãos espanhóis, o que obviamente não foi aceite.

Durante a estadia da equipa em Lisboa, ela foi recebida pelo Cardeal Cerejeira num dos salões do patriarcado, que ainda se situava no Campo Mártires da Pátria.

Foi um encontro rápido, durante o qual o Cardeal Cerejeira se exprimiu sempre em Castelhana, e contou como conheceu o M.C.C. através do seu amigo Cardeal de Tarragona e, usando uma expressão idêntica à dos eu amigo, disse à equipa que a Igreja em Portugal estava muito carente de homens loucos e enamorados por Jesus Cristo.

Que via com muito bons olhos a presença daquela equipa na sua Diocese, que desejava os maiores êxitos na sua acção apostólica, e que conseguissem “injectar” nos participantes a loucura por Jesus Cristo.

Pediu-lhes por ultimo que lhe dessem noticias sobre a forma como o Cursilho tinha decorrido.

Conforme me contou o Padre D. Vitoriano Arizti, este encontro foi muito do agrado de toda a equipa, que ao partir para Fátima se sentiu mais fortalecida e confiante, mercê das palavras e do acolhimento proporcionados pelo Cardeal.



Painel cerâmico comemorativo da primeira reunião preparatória do 1º Cursilho de Portugal – na Igreja de Alcântara, em Lisboa

Entretanto os esforços desenvolvidos pela equipa e pelo Padre João Gonçalves no sentido de se encontrarem mais candidatos ao Cursilho foram, de certa forma, mas em pequena escala, recompensados, já que tornaram possível reunir um grupo de 14 leigos, muitos deles pertencentes à JOC – Juventude Operária Católica, e sete Sacerdotes.

No dizer do Padre D. Vitoriano Arizti, o Cursilho com tão pouca gente teria sido tecnicamente, se é que se pode falar de técnica nas obras de Deus, errado, mas chegado que foi o dia 28 de Novembro o Cursilho inicia-se.

Além dos membros espanhóis integram a equipa quatro portugueses, dois Sacerdotes, os Padres João Gonçalves e António Ribeiro, e dois leigos, o Américo Simões Miguel e o e o Joaquim Pires, estes três últimos que haviam participado no Cursilho nº 22 de Vitória.

O Padre João Gonçalves e os dois leigos actuam apenas como auxiliares, mas já o Padre António Ribeiro actua como rolhista, embora a sua presença no Cursilho tenha sido fugaz.

O Padre D. Vitoriano Arizti, quando estivera em Lisboa, convidara-o a participar a tempo inteiro, mas o convite não pode ser aceite devido a compromissos assumidos. Acede no entanto a dar um Rolho, e é-lhe confiado o dos “Obstáculos à Graça”. No 2º dia do Cursilho o Padre António Ribeiro chega ao local do Cursilho momentos antes da dar os eu Rolho e, terminado o mesmo, regressa quase de imediato a Lisboa.

Durante o encontro que em Lisboa havia tido com o Padre D. Vitoriano Arizti, o Padre António Ribeiro diz-lhe da opinião favorável com que regressara a Lisboa após a sua participação no Cursilho de vitória, e da opinião desfavorável com que regressara o seu companheiro, Cónego Infante, mas concluiu que essa opinião não influenciou negativamente o Cardeal Cerejeira.

Participam ainda no Cursilho, e pela primeira vez, os seguintes Sacerdotes: Manuela Franklim Costa, de Angola, Mário Gomes Loureiro, do Caramulo, Manuela Ferreira da Silva, do Porto, e Aleixo Cordeiro, João Brito Atanásio e Francisco Santana, todos de Lisboa.

Várias foram as dificuldades que surgiram no desenrolar do Cursilho, e a primeira teve origem nas regras pelas quais se regia a casa de retiros no que se referia ao horário das refeições.

Essas regras impunham que todas as refeições, incluindo o pequeno almoço, fossem tomadas a horas certas todos os dias. Sabido como é difícil enquadrar os Cursilhos em horários rigidamente certos, com especial relevância para o 2º dia, dada a existência do Rolho dos “Sacramentos”, que naquelas épocas demorava, mais ou menos, quatro horas, a equipa teve de fazer grandes esforços e alterar os programas usuais para se adaptar às circunstâncias.

Tudo leva a crer, como exemplo, que o Rolho dos “Sacramentos” tenha sido dividido em duas partes, entre as quais teria tido lugar o almoço.

Outra dificuldade teve origem numa certa indisciplina por parte dos seis Sacerdotes que faziam a experiência do Cursilho pela primeira vez, os quais não se apercebendo certamente das dificuldades que criavam, se ausentavam para fora de casa nos intervalos dos Rolhos, para beberem umas “bicas”.

A equipa tinha a tarefa extra de os procurar e fazê-los regressar a casa para que o Cursilho pudesse prosseguir, embora com os consequentes atrasos no horário.

Com as canções em língua espanhola não houve especiais dificuldades com o DE COLORES, o mesmo não acontecendo porém com OS PEIXES, pois que parecia que se estava a cantar em língua chinesa.

O Cursilho vai decorrendo e, ao chegar ao fim do 2º dia a equipa espanhola está muito desmoralizada, já que o ambiente estava longe de ser o que era habitual conseguir-se em Espanha.

Além do ambiente frio, aparentemente os Cursistas não captavam nem a mensagem nem as “farpas” colectivas dos Rolhos. A equipa pensava até que os Cursistas não entendiam o que os Rolhistas diziam, talvez devido ao sotaque Vitoriano da língua Castelhana.

A juntar à frieza do ambiente o sistema de aquecimento da casa não funcionava convenientemente, e assim a ausência de calor tinha duas origens.

A equipa só pensava em toda a Intendência que ao longo de meses tinha sido feita, não só em Vitória mas também em outras regiões de Espanha, e que teria sido inútil se o Cursilho fosse um fracasso.

Faço notar que a Intendência que se fazia naqueles tempos era forte, já que envolvia terços completos com os braços em cruz ou com as mãos debaixo dos joelhos, dormidas em 3ª, isto é, no chão, e uso de cilícios nos braços ou nas pernas ou no tronco.

Pensava também a equipa nos cerca de 150 Cursistas de Vitória que se deslocavam propositadamente em três camionetas para participarem no Encerramento, e na sua desilusão e frustração.

Por volta das duas horas da madrugada seguinte ao 2º dia, ou seja, na 3ª noite que se dormia naquela casa, o Padre D. Vitoriano Arizti não consegue “pregar olho” e toma então uma decisão.

Levanta-se, veste-se, pega na caixa que continha as Intendências e dirige-se à Capelinha das Aparições.

Chegado ao local, coloca a caixa no solo e de joelhos, e com os braços em cruz reza um terço que, segundo ele próprio diz, foi o “terço mais raivoso” que ele havia rezado em toda a sua vida.

Lembra a Nossa Senhora a escolha que havia sido feita para que aquele 1º Cursilho se realizasse em Fátima, lembra-lhe os esforços que se fizeram, que estão sendo feitos e que continuarão a fazer-se como Intendência, lembra-lhe que do resultado daquele Cursilho dependerá o prosseguimento imediato, ou não, dos Cursilhos em Portugal, e algo zangado pede insistentemente a Nossa Senhora que intervenha e faça operar no Cursilho a necessária e desejada mudança.

Conta o Padre D. Vitoriano Arizti que terminada a sua oração, e apesar do intenso frio que se fazia sentir, regressa ao seu quarto mais confiante e mais interior e espiritualmente aquecido.

Deita-se, mas não consegue dormir todo o resto da noite.

Na manhã seguinte, a do 3º e último dia do Cursilho, quando de manhã saía da capela, após as orações de Laudes e a Meditação, a Madre Superiora da comunidade que servia na casa, dirige-se a ele e pergunta-lhe: “Padre, diga-me o que é que está acontecendo nesta casa?”

O Padre D. Vitoriano Arizti não entende a pergunta e pede-lhe que lhe diga a que está ela a referir-se.

Diz-lhe então a Madre Superiora que nessa manhã a quase totalidade das irmãs da comunidade tinha ido ter com ela e lhe tinha dito coisas como as seguintes, o que a tinha deixado ficar muito impressionada:

Que sentiam que tinham de ser mais santas, que tinham de cumprir com mais empenho e fidelidade os votos e compromissos assumidos quando passaram a ser religiosas, que as regras da comunidade deveriam passar a ser mais exigentes e outros pensamentos semelhantes.

Também no decorrer do 3º dia tudo se modifica. A transformação nos Padres e nos leigos é patente, a sua abertura ao espírito é evidente, e a alegria e o entusiasmo aparecem espontaneamente no Cursilho, de forma idêntica ao que normalmente acontecia em Espanha.

O Padre D. Vitoriano Arizti diz-me que entre todos os Cursilhos em que participou ao longo da sua vida, e foram da ordem de uma a duas centenas, nunca presenciou nada de parecido nem uma transformação como a que se operou.

De imediato vem-lhe à mente a visita nocturna que fizera a Nossa Senhora, agradece-Lhe ter Ela acedido ao seu pedido, e simultaneamente a sua postura para com a Senhora de Fátima muda profundamente.

Chegado a Fátima com pouca informação do que lá se passara com os três pastorinhos, e com pouca devoção àquele culto a Maria, sai de Fátima um enamorado da Senhora de Fátima, de tal forma que só quando de todo lhe é impossível é que não visita Fátima pelo menos uma vez por ano.

No decorrer do 3º dia, e sem que se saiba como e porquê, aparece no local onde decorria o Cursilho, o Bispo de Leiria e é-lhe feito o convite para eu presida ao acto do encerramento, o que é aceite.

Apesar da mudança operada no Cursilho, a equipa dirigente continua apreensiva quanto à forma como irá decorrer o Encerramento, e com uma possível decepção dos Cursistas que vêm de Vitória ao verificarem que os participantes leigos são apenas catorze, habituados como estão a Encerramentos que acolhem três ou quatro dezenas de Cursistas.

Este receio veio a revelar-se infundado pois o Encerramento decorreu da melhor forma. Os cerca de 150 viajantes, entre homens e mulheres, deslocaram-se em espírito de peregrinação e Intendência, já que o programa da viagem era exigente.

A viagem, tanto de ida como de volta, era directa sem paragens para descanso ou refeições prolongadas. Apenas se parava para satisfazer necessidades e tomar alguma bebida: no que se refere à alimentação ela era feita na base de sanduíches ou outros géneros fáceis de comer.

Quanto ao regresso a Vitória, ele seria feito logo após o fim do Encerramento.

Curiosamente, integrava o grupo vindo de Vitória um Sacerdote português de seu nome José Carvalheira, que participara num Cursilho em Vitória, o nº 33 e que era um grande entusiasta do Movimento.

Com a presença do Bispo de Leiria, o Encerramento inicia-se cerca das 19h:00 e, apesar do reduzido número de novos cursistas ele decorre com o mesmo calor e entusiasmo como decorrem normalmente todos os Encerramentos.

Para tal contribuíram não só os testemunhos dos novos Cursistas, Padres de leigos, como os dos visitantes espanhóis, que intervieram em larga escala.

O Padre D. Vitoriano Arizti diz-me que o próprio Padre Aleixo Cordeiro, pessoa calma e pouco dada a grandes expansões, quase chorou ao dar o seu testemunho.

No final do Encerramento, o Bispo de Leiria, que, veio a saber-se mais tarde, ficou chocado com o que viu e ouviu, e por isso foi durante algum tempo desfavorável à introdução dos Cursilhos na sua Diocese, pronunciou a seguinte frase que foi vibrantemente aplaudida por todos os presentes e considerada como profética: “Obra que começa em Fátima nunca morrerá”.

Terminado o Encerramento os 150 Cursistas de Vitória voltam aos autocarros, regressam a suas casas e com eles regressam também os quatro leigos que integravam a equipa dirigente.

O Padre D. Vitoriano Arizti fica no nosso país e regressa a Lisboa, onde permanece por mais alguns dias, com o objectivo de auxiliar o Padre João Gonçalves e outros Sacerdotes, que espontaneamente se puseram ao serviço do Movimento, a organizarem as necessárias estruturas como são o Secretariado e a Escola de Responsáveis.

Aquele Sacerdote conta-me ainda que, após este Cursilho, foram muitas as suas vindas a Lisboa, e que sempre que o fazia, visitava o Cardeal Cerejeira, que lhe confidenciara uma vez o seu desejo da vinda do Movimento para a sua Diocese, apesar das opiniões negativas do Cónego Infante e do Bispo de Leiria.

Em abono da verdade e da justiça deve dizer-se que a opinião negativa do Bispo de Leiria sobre os Cursilhos muda a breve trecho, já que é com a sua autorização que o 1º Cursilho de Leiria se realiza em Maio de 1962.

A semente estava lançada e a Diocese de Lisboa, conjuntamente com as de Braga, Évora, Portalegre/Castelo Branco e Porto, estão na base da expansão do movimento nas restantes dioceses do país, e não só.